



## O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS: UMA ANÁLISE GEOLITERÁRIA

Mariane Motta Ferreirinha <sup>1</sup>

### RESUMO

A Geografia ao longo de sua constituição estabeleceu vínculos com as artes, dentre elas a literatura. O dizer científico submetido à rigor teórico e metodológico tende a se constituir extremamente duro e árido; as artes e a literatura, por sua vez seguem o caminho da fruição estruturando uma linguagem cálida e sensível. A associação entre estas linguagens pode ser promissora para nossos estudos em Geografia, principalmente quando notamos a presença do pensamento geográfico nos textos literários. O presente trabalho buscará realizar uma análise dos folhetos “Ecos da pátria” e “O imposto e a fome” do poeta cordelista Leandro Gomes de Barros, a partir de uma perspectiva geoliterária que consiste em situar o autor e sua obra temporal e espacialmente. Barros tem significativo protagonismo para a literatura de cordel nordestina, sendo um dos primeiros poetas de bancada a produzir maciçamente folhetos de cordel e desempenhando papel importante na passagem do universo oral para o escrito.

**Palavras-chave:** Geografia e literatura, literatura de cordel, pensamento geográfico, Leandro Gomes de Barros

### RESUMEN

La geografía a lo largo de su constitución estableció vínculos con las artes, entre ellas la literatura. El dicho científico sometido al rigor teórico y metodológico tiende a constituir extremadamente duro y árido; el arte y la literatura, a su vez, siguen el camino de la fructificación estructurando un lenguaje cálido y sensible. La asociación entre estas lenguas puede ser prometedora para nuestros estudios en geografía, especialmente cuando notamos la presencia del pensamiento geográfico en los textos literarios. El presente trabajo buscará realizar un análisis de los volantes “*Ecos da pátria*” y “*O imposto e a fome*” del poeta cordelista Leandro Gomes de Barros, desde una perspectiva geoliteraria que consiste en situar temporal y geográficamente al autor y su obra. Barros tiene un papel importante en la literatura cordel del noreste, siendo uno de los primeros poetas de encimera en producir volantes masivamente de cordel y desempeñando un papel importante en la transición del universo oral a la escritura.

**Palabras clave:** Geografía y literatura, literatura de cuerdas; pensamiento geográfico, Leandro Gomes de Barros.

### INTRODUÇÃO

A Geografia ao longo de sua construção, estabeleceu fortes relações com diferentes campos da arte. Desde o princípio, na necessidade de descrever as paisagens, representar o espaço geográfico e compreender os fenômenos, diversos geógrafos recorreram ao auxílio

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – UERJ/FFP. Docente da Rede Estadual do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ, marianemotta23@yahoo.com.br;



das artes, dentre elas a pintura e a literatura. Temos grandes exemplos nas obras “O cosmos” do naturalista alemão Alexander Von Humboldt publicada pela primeira vez no ano de 1845 e no artigo sobre a Geografia da odisseia publicado em 1904 pelo geógrafo francês Paul Vidal de La Blache nos *Annales de Géographie*. A primeira, uma obra que apresentava a descrição de paisagens, do relevo, dos animais e plantas com a contribuição artística de ilustrações do autor e a segunda, por sua vez, buscando estabelecer relações entre o poema épico “A Odisseia” com a geografia do mundo mediterrâneo no período homérico, se configurando em um estudo capaz de promover aprendizados sobre a geografia histórica da época.

Chacune de ces périodes a, dans une certaine mesure, as *poléographie*; et, dans les fortunes diverses de cette vie urbaine se reflètent les conditions générales du commerce. Si donc il est vrai que les voyages et erreurs d'Ulysse 'se meuvent sur un fond réel, si les temps et les lieux n'y sont pas confondus, une leçon de géographie historiq e comparée peut sortir de cette étude.” (LA BLACHE, 1904, p. 22)<sup>2</sup>

De acordo com Moreira (2008, p. 148), “a relação entre geografia, história e letras só é possível, como de fato existe. E o que embasa essa relação é a categoria espaço.” Assim, concordamos com o autor e acreditamos alguns textos literários podem apresentar a descrição de paisagens e de processos ocorridos no espaço geográfico, demonstrando o pensamento geográfico permeado na obra dos autores.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer uma análise geoliterária dos textos nos quais entramos em contato. Inicialmente, ao realizar a leitura de uma poesia ou romance, temos a percepção da presença de um fundo geográfico no mesmo, o que nos permite iniciar a referida análise. Este “fundo geográfico” é percebido quando está entremeadado no texto literário, os chamados princípios de síntese do geográfico, sendo eles: “localização, distribuição, distância, densidade, escala.” (MARTINS, 2016, p. 65) Posteriormente, desenvolvemos uma análise que leva em consideração a obra, o autor e a temporalidade em que vive e escreve, bem como a porção do espaço geográfico na qual o mesmo está inserido. Dessa forma poderemos traçar um elo entre a obra literária, quem a escreve e a relação temporal e espacial nela permeada – uma análise geoliterária.

Em muitos casos, a literatura pode se tornar um registro artístico de como autor experimenta, circula e produz o espaço geográfico, apresentando conflitos percebidos no cotidiano, descrevendo paisagens, o modo de vida das sociedades, além de acontecimentos

---

<sup>2</sup> “Cada um desses períodos tem, em uma certa medida, sua *paleografia*; e nas diversas fortunes desta vida urbana se refletem as condições gerais do comércio. Se, então, for verdade que as viagens e os erros de Ulisses se movem sobre um fundo real, se os tempos e os lugares não forem confundidos, uma lição de geografia histórica comparada pode sair deste estudo.” Tradução: Dominique Daria.



históricos e sociais, tudo isso utilizando de narrativas poéticas ou romanescas. Assim, acreditamos que os textos literários podem apresentar o pensamento geográfico que permeia a vida e o imaginário do autor, fazendo-o produzir uma obra que não somente apresente o fantástico, o irreal e o sonho, mas também aspectos de memória, história, e enxertos de suas críticas, ideologias e percepções.

Entendemos dessa forma, pois a arte como um objeto estético que se relaciona com a vida, possui um peso axiológico em seu interior, característica que a confere capacidade de expressar elementos da vida:

A particularidade principal do estético, que o diferencia nitidamente do conhecimento e do ato, é o seu caráter receptivo e positivamente acolhedor: a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se então um elemento constitutivo indispensável. Nesse sentido, podemos dizer: de fato, a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo e outro que seja” (BAKHTIN, 2002, p. 33)

É fundamental ressaltar que a literatura como um campo da arte não busca responder a questões do mundo como a Geografia – um campo científico, se propõe. Logo, é crucial que estabeleçamos as distinções entre o que é o pensamento geográfico, a Geografia e a Literatura, para que possamos posteriormente explorar as possibilidades de aproximação, sendo esse o primeiro objetivo deste trabalho, bem como o tema a ser trabalhado na primeira seção.

A aproximação entre o discurso científico da geografia ao discurso artístico da literatura, em alguns casos pode enriquecer a compreensão dos processos sócio espaciais. Além disso, a literatura é capaz de promover naquele que lê uma compreensão de seu próprio espaço que vai além da dureza da ciência e que pode trazer sensibilidade e humanidade à processos que a geografia muitas vezes desumaniza devido ao fato de necessitar estar formatada a um tipo muito específico de discurso, mais racional, empírico e técnico. Sobre o discurso da ciência e da arte, Moreira (2008, p.148) afirma:

...caminhos tão diametralmente opostos, o da ciência numa linguagem cada vez mais vazia e árida e o da arte cada vez, contrariamente mais plena e calorosa na referência a relação sensível do homem com o mundo. Numa leitura de mundo que tome por referência o próprio lado sensível é, antes de mais nada, a concepção de ciência e arte, mais que a relação humana do cientista e do artista com o mundo, que cria tal situação. O problema é de paradigma, o racionalismo positivista, que barra para a ciência a sensibilidade deliberada e esperada para a arte.

Assim, concordamos que os discursos da ciência e da arte se diferem pois desenvolvem-se segundo critérios teóricos e metodológicos, além de intencionalidades



distintas, todavia, a aproximação entre a linguagem da Geografia como ciência e a linguagem artística da literatura pode ser extremamente promissora auxiliando no processo de ver-ler as paisagens através das obras literárias, principalmente quando conseguirmos identificar nessas obras a presença do pensamento geográfico.

Nessa perspectiva, trataremos do segundo objetivo deste trabalho que se desenvolverá como um subtítulo, “O pensamento geográfico na obra do poeta cordelista Leandro Gomes de Barros”. Nesta seção discorreremos brevemente sobre a literatura de cordel e o protagonismo do poeta na transposição do cordel do universo oral para o escrito bem como na produção de textos de cordel marcados pela presença de suas experiências no espaço geográfico.

Por fim, na última seção que se desenvolverá com o subtítulo “Ecos da pátria e o impporto e a fome: uma análise geoliterária”, apresentaremos os referidos folhetos que foram acessados através de consulta ao acervo online da Biblioteca São Clemente, pertencente à Fundação Casa de Rui Barbosa, considerada hoje um dos maiores acervos de folhetos de cordel do Brasil. Buscaremos realizar uma análise geoliterária, na qual compreenderemos o autor que produz a obra, contextualizando histórica e geograficamente o texto.

## **O PENSAMENTO GEOGRÁFICO, A GEOGRAFIA E A LITERATURA**

A vida humana é uma realização geográfica, pois como Martins (2016) sinaliza, o processo de subjetivação/objetivação na construção do meio geográfico se realiza mediante os princípios geográficos enquanto dimensão do existir, logo, o geográfico como condição de existência não só precede o saber disciplinar (a geografia) como é maior do que ele.

Entendendo que a dimensão geográfica da vida humana é condição de existência e está expressa nas obras realizadas pelos homens, inferimos que tal dimensão pode, inclusive, estar manifesta na arte, visto que não é possível dissociar a arte da vida. Heidegger (2019, p.64) afirma que “a arte faz surgir na obra a verdade do ente”, isto é, a partir da obra o artista se faz presente, suas memórias e experiências encontram-se diluídas em seu fazer artístico, “pois é pela obra que se conhece o artista, ou seja: a obra é que primeiro faz aparecer o artista como um mestre da arte. O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro.” (HEIDEGGER, 2019, p .9)

Quando notamos a presença do pensamento geográfico nos autores que produzem a literatura, apresentando em suas obras, não somente a descrição de paisagens, mas a leitura de



processos socioespaciais, acontecimentos históricos, tensões políticas, econômicas, injustiças sociais, conseguimos estabelecer uma análise em paralelo com a geografia que ilumine a partir da contribuição da arte os processos que ocorrem no espaço.

A literatura não possui como finalidade ser um campo científico que apreenda o real, muito menos uma fonte de dados empíricos, ela não necessita explicar sua existência, pois a finalidade da ciência e da literatura são distintas. Geografia e literatura buscam explicar o mundo à sua própria forma, a primeira, científica, totaliza seu debate pela via do conceito, enquanto a segunda realiza essa totalização através de um caminho mais livre, “dos símbolos da significação, enfatizando o sentido e o significado.” (MOREIRA, 2008, p.149) No entanto, mesmo atendendo a padrões diferentes de composição, ambas, podem expressar uma leitura de mundo. “Simplesmente, são modos diferenciados de referenciar e mediatizar o mundo experienciado por meio do corpo, de exprimir intelectualmente o imediato e, assim, de pela fala dele, ganhar conhecimento e consistência.” (ibidem)

Logo, a literatura é capaz de apresentar saberes e riqueza de pensamento geográfico, todavia, seu objetivo fundamental não reside em responder às questões do mundo como a ciência se propõe, em nosso caso, a ciência geográfica. Contudo, a presença do pensamento geográfico nos textos literários pode promover ganhos de compreensão dos arranjos socioespaciais através da associação entre a linguagem da ciência geográfica e da arte.

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo sobre as coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 1978, p. 19)

O saber mobilizado pela literatura nunca é inteiro e derradeiro, todavia a associação de linguagem cálida da literatura com a linguagem rigorosa e científica da geografia pode se tornar promissora na construção de saberes inteiros, gerando a visualização imagética, sensibilidade e significação dos processos que a Geografia se proponha a explicar. Segundo Lévy (1997) o propósito da literatura é a escrita da condição humana no mundo. O mundo da literatura é um mundo construído onde o imaginário e o real se esbarram, não sendo o mundo objetivo da ciência, recortado, medido e descrito.

...ni l'objet, ni les méthodes, ni l'intentionnalité ne sont semblables en littérature et en géographie, et l'on aura partiellement raison. L'objet de la littérature, c'est l'écriture de la condition humaine dans le monde, un monde conçu non pas comme un ensemble géographique continu, borné, à échelle constante, mais dessiné par l'auteur pour les besoins de sa cause, de sa problématique, qui inclut aussi ses bornes, ses limites et ses transgressions. C'est un monde construit, ou reconstitué, où l'imaginaire et le réel se



côtoient, ce n'est pas le monde objectivé de la science, découpé, mesuré, décrit et articulé selon des méthodes et des intentions explicites.<sup>3</sup>(LÉVY, 1997, p. 30)

Concordamos com Lévy quando apresenta o fato de que, o mundo constituído na literatura é múltiplo, apresentando tanto elementos do imaginário quanto elementos do real. Quando linguagem fictícia e elementos do real se esbarram, isto é, quando nos textos literários somos capazes de identificar um fundamento geográfico – a localização real de uma área, a localização de uma área ficcional na narrativa, a descrição de uma paisagem ou de um processo socioespacial etc. – bem como o pensamento geográfico na obra dos autores, poderemos neste contato estabelecer uma aproximação entre a Literatura e a Geografia, de forma que a primeira, a partir de sua linguagem artística possa se tornar um fio condutor que promova mais facilmente a percepção e o entendimento de dado fundamento geográfico.

### **A LITERATURA E CORDEL E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS**

A literatura de cordel corresponde a uma forma de poesia popular com o discurso predominantemente narrativo em verso, dotado de um sistema de métrica e rima específico, composta por uma polifonia tanto no que diz respeito a diversidade de tipos de textos (poesia, romance, tragédia, teatro), nas temáticas abordadas nos textos (sátiras, fantasias, denúncias sociais, saberes históricos e geográficos) quanto na variação linguística geográfica (dizer regional) presente nos textos. Fenômeno cultural regional, apresenta como forte marca a impressão dos textos em livretos simples feitos de papel de baixo valor, o que a tornou uma literatura acessível a diferentes camadas sociais.

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p. 19)

Desenvolvida na Região Nordeste brasileiro, a partir principalmente dos anos finais do século XIX<sup>4</sup> até os anos de 1920, a poética foi ganhando forma própria, regional e

---

<sup>3</sup> “...nem o objeto nem os métodos, nem a intencionalidade são semelhantes na literatura e na geografia, e teremos parcialmente razão. O propósito da literatura é a escrita da condição humana no mundo, um mundo concebido não como um conjunto geográfico contínuo, limitado à uma escala constante, mas desenhado pelo autor para as necessidades de sua causa, sua problemática, que também inclui seus terminais, seus limites e transgressões. Este é um mundo construído ou reformado, onde o imaginário e o real se esbarram, não é o mundo objetivo da ciência, recortado, medido, descrito e articulado segundo os métodos e as intenções explícitas.” Tradução: Maria da Conceição Ribeiro.

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que no período de nascimento e consolidação da poética da literatura de cordel/folhetos – final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, a Região Nordeste como conhecemos hoje geograficamente ainda não havia sido consolidada. O recorte regional tal como conhecemos se



disseminando-se por toda a Região Nordeste e posteriormente, por todo o país através do movimento migratório dos sujeitos nordestinos no espaço geográfico brasileiro, que ocasiona a diáspora da poética.

De acordo com Abreu (1999, p.73) diferentemente da literatura de cordel portuguesa, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil tornou-se ao longo do tempo bastante codificada. Uma poética própria, regional, foi sendo construída principalmente dentro deste recorte temporal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX), “período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma “canônica”, com moldes que vem sendo praticados até os dias de hoje. É neste recorte temporal que temos o período da Primeira República Brasileira (1889-1930) e também o protagonismo do poeta de bancada Leandro Gomes de Barros na produção maciça de folhetos e na transcrição do ambiente oral para o escrito.

Essa distinção ocorre, pois, a poética do cordel possui forte tradição oral. A literatura de cordel desenvolvida no Nordeste brasileiro, diferente da literatura de cordel portuguesa<sup>5</sup> praticada desde o século XVI, nasce como poesia oral. Os jogos verbais, as batalhas de repente e a presença dos cantadores de viola em praças públicas fazem com que a poética tenha nascimento no ambiente oral e somente anos depois converta-se em texto. Segundo Abreu (1999, p.73) As cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios, tem grande relevância no Nordeste. “O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível.”

Quando os textos começam a ser produzidos pelos poetas de bancada, há um cuidado para que a estrutura permita a enunciação acústica e a cantoria. Esse cuidado se apresenta principalmente através da presença da métrica, rima e oração, são essas características de arranjo textual que permitem o constante contato entre o universo oral e o escrito. Sobre isto, Ayala (2016, p. 24) discorre:

---

consolida oficialmente em 1941 com a primeira divisão regional oficial do país feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com Albuquerque Jr. (2009, p. 343), o Nordeste é uma invenção recente da história brasileira, “não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentidos.”

<sup>5</sup> A literatura de cordel desenvolvida em Portugal, nasce como um gênero editorial, tanto autores quanto o público não pertenciam exclusivamente as camadas mais populares da sociedade. Além disso, as temáticas dos textos priorizavam temas religiosos e histórias populares, buscando o sucesso de vendas. Temas como as injustiças sociais, as questões econômicas, a política, as contradições sociais e de classe não eram abordados, por isso, Abreu (1999, p.25) sinaliza que a literatura de cordel portuguesa não se trata “de uma modalidade literária, de um gênero literário, e sim de um gênero editorial.”



A literatura de folhetos, apesar de se apresentar como cultura escrita, contém, vale lembrar mais uma vez, muitas marcas de oralidade, como a rima, a métrica (em redondilha maior, com versos de sete sílabas), a oração (a articulação dos versos de uma estrofe que fluem como na fala), o ritmo dos versos reforçado muitas vezes por melodias que acompanhavam a leitura cantada, as estruturas formulares, tudo isso a auxiliar a memorização e facilitar a maior duração das histórias na memória do ouvinte/leitor.

A partir do final do século XIX os folhetos de cordel passam a ser produzidos e consumidos em larga escala, de acordo com Melo (2010, p.57) isto se deu principalmente pela “afirmação da cantoria como espetáculo popular”, e pelo desenvolvimento da imprensa, o que permitiu o surgimento dos primeiros jornais e tipografias que realizavam a impressão de textos diversos (literários, rótulos de produtos e folhetos), a “circulação dos poemas através dos jornais propiciaram as condições favoráveis para a consolidação do gênero literário.” (Ibidem)

Os folhetos impressos, ao longo do tempo começam a se disseminar em maior quantidade, os poetas e cantadores circulavam pelas cidades próximas, feiras e centros de comércio a fim de declamar suas poesias e vender seus folhetos, além disso, pelo fato dos folhetos possuírem preços acessíveis, começou a se desenvolver uma “comunidade de “leitores” no sertão e nas vilas do interior”, isso tudo somado ao surgimento “de poetas cuja sensibilidade para tratar os problemas sociais e o cotidiano da população tornou a literatura de folhetos um sucesso editorial ímpar.” (MELO, 2010, p. 63)

Assim, a literatura de cordel se constrói de forma intimamente ligada às geografias vividas pelos sujeitos que a produziam, a forma pela qual percebiam o lugar que habitavam e como significavam os fenômenos que ocorriam ao seu redor, influenciando diretamente nas temáticas abordadas, que em grande parte, articulavam-se às vivências, aos acontecimentos históricos, às condições sociais e políticas da época, marcas que a poética carrega até hoje. Além disso, os saberes por ela mobilizados passaram a estar disponíveis à todas as camadas sociais da população, visto que literatura de cordel tanto em sua dimensão oral como escrita é democrática.

[..]o fato predominante é que, com essa literatura popular em verso, foi trazido para o espaço da cultura com escrita não só o gosto tradicional popular, mas o que era experiência vivenciada, não só como poesia pela rede de pessoas que integram esse sistema literário em processo. Muitos acontecimentos estavam ocorrendo na região ou viraram notícia do que acontecia no mundo e chegava no Brasil. (AYALA, 2016, p. 24. Grifo nosso.)

No universo da produção e disseminação da literatura de cordel, diferentes autores (ABREU, 1999, SLATER, 1984, e MELLO, 2010) concordam a respeito do protagonismo de Leandro Gomes de Barros na produção de folhetos. Abreu (1999, p. 91) sinaliza: “Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas seguramente, Leandro Gomes de Barros



foi o responsável pelo início da publicação sistemática.” Tendo em vista a importância da sua obra, bem como seu destaque quanto a edição, produção e venda em maior escala de folhetos de cordel, discorreremos sobre seu protagonismo e pensamento geográfico presente em sua obra.

Barros (1865-1918), nasceu em Pombal (PB), cresceu no município de Teixeira e desenvolveu “laços estreitos com os Nunes Batista, uma família de cantadores.” (SLATER, 1984, p. 13), em 1908 mudou-se para Recife e lá iniciou a publicação de seus romances e folhetos.

De posse dos folhetos editados pelas tipografias de Recife, Leandro Gomes de Barros organizou uma rede de distribuição através de agentes espalhados nas pequenas vilas do interior da Paraíba e de Pernambuco. Extrapolando esses limites, conseguiu distribuir seus folhetos até Manaus e Rio Branco. Com o dinheiro obtido a partir da venda dos seus folhetos através dos agentes e no Mercado de São José, em Recife, onde vendia pessoalmente seus poemas, adquiriu suas primeiras máquinas, tornando-se editor independente com a instalação da Tipografia Perseverança, inaugurada por volta de 1910. (MELO, 2010, p. 63)

A partir da fundação de sua própria tipografia na cidade de Recife - que juntamente com a cidade da Paraíba tornam-se os maiores centros de comercialização desta literatura -, assumiu autonomia em seu trabalho como poeta e editor. Sempre atento às notícias que mais impressionavam o público, tornou-se um observador dos acontecimentos mais importantes de seu tempo, registrando em seus folhetos acontecimentos históricos como a Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola, o crescimento do cangaço, além de buscar “estabelecer uma identificação entre seu texto e o público, ao privilegiar os costumes presentes na vida dos trabalhadores dos sertões no início do século XX: a vaquejada, as feiras de gado, as histórias imaginadas pelos vaqueiros.” (MELO, 2010, p. 64).

Além disso, cabe pontuar também a preocupação do autor quanto à autoria de seu trabalho, com a disseminação de sua poesia, Leandro adotou estratégias para evitar o plágio como o emprego do acróstico com seu nome, a estampa de sua fotografia nos folhetos e a advertência por escrito no texto, afirmando que somente à ele era dado o direito de propriedade. Atitudes pioneiras em um momento no qual o debate sobre a propriedade e autoria da obra ainda era incipiente.

Assim como Leandro Gomes de Barros, a maioria dos poetas de folhetos de cordel, oriundos do meio rural sertanejo “iniciaram a vida profissional como operários, vendedores, agricultores, almocreves, mas assim que conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício, passando a se dedicar apenas ao trabalho com versos.” (ABREU, 1999, p. 93)

A partir do momento em que esses poetas além de possuírem inspiração artística, conseguem ter em suas mãos o controle dos meios de produção realizando a edição e impressão



de seus folhetos, a arte passa a ter um papel central em suas vidas, porque vai além da pura expressão, torna-se trabalho, fonte de renda e a forma de reprodução social e econômica da existência desses sujeitos. De acordo com Ayala (2016, p.25), a literatura de cordel “talvez seja o único caso no mundo de um sistema completo nas mãos das classes trabalhadoras rurais/urbanas e proletárias – do criador, editor, tipógrafo, distribuidor, leitor/ouvinte.”

A obra de Leandro Gomes de Barros, é de fundamental importância no universo da literatura de cordel, a forma pela qual o autor conseguia internalizar os processos históricos, políticos e geográficos que ocorriam no momento, atribuindo significado e elaborando não simplesmente um texto, mas uma poesia que informava, sensibilizava e promovia saberes para os leitores, nos permite inferir que sua poética é permeada pelo pensamento geográfico.

Barros desenvolve sua poética se colocando como um narrador que vive, experimenta, internaliza o que ocorre ao seu redor e transforma em arte. Como já bem sinalizou Benjamin (1993, p.197): “a experiência de narrar que está em vias de extinção”. O bom narrador, segundo Benjamin é responsável por intermediar as experiências vividas e observadas em seu meio geográfico, no qual, através da sensibilidade realiza a leitura das relações sociais, econômicas e políticas do espaço historicamente construído. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência, ou a relata pelos outros. Incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes,” (BENJAMIN, 1993, p.201) qualidades que identificamos na poética de Leandro Gomes de Barros e que exemplificaremos a seguir a partir da análise geoliterária dos folhetos “Ecos da pátria”<sup>6</sup> e “O imposto e a fome”.

### **OS FOLHETOS “ECOS DA PÁTRIA” E O “IMPOSTO E A FOME”: UMA ANÁLISE GEOLITERÁRIA**

Os folhetos “Ecos da pátria” e o “imposto e a fome” representam obras capazes de mobilizar saberes geográficos e que asseveram o pensamento geográfico presente na obra de Leandro Gomes de Barros. As duas obras escolhidas para apresentação neste trabalho foram escritas pelo autor durante o período da Primeira República (1889-1930); o folheto Ecos da pátria é datado de 1917 e o folheto o imposto e a fome, publicado em 1909.

Neste período, o espaço geográfico brasileiro passava por grandes transformações de ordem política e econômica. Os resquícios da monarquia com uma sociedade escravocrata e

---

<sup>6</sup> Os folhetos “Ecos da pátria” e o “O imposto e a fome” podem ser acessados na íntegra em consulta ao acervo da Biblioteca São Clemente, a partir dos respectivos links:  
<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=LC6073&pagfis=335>  
<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=LC6054&pagfis=973>



aristocrática, sustentada por um modelo econômico agrário e latifundiário ainda eram muito presentes. Desempenhávamos uma economia voltada para a produção extensiva e em larga escala de matérias primas e gêneros tropicais, principalmente: “ao café acrescentam-se, na lista dos grandes produtos exportáveis, a borracha, que chegará quase a emparelhar-se a ele, o cacau, o mate, o fumo.”(PRADO JR, 1976, p. 229) Especialmente na região do sertão Nordeste a pecuária será a atividade predominante, como nos sinaliza Moreira (2011, p.60), visto que a escassez hídrica estimula a proliferação do gado pelo pediplano, de forma que “todo o sertão nordestino se torna um espaço de fazendas de gado.”

No período da Primeira República temos o avanço incipiente da urbanização, mas a presença de uma sociedade ainda predominantemente rural e iletrada. Além disso, temos a transição dos arranjos políticos e de poder, obrigando a reacomodação entre as oligarquias nascidas no período da monarquia.

Tem lugar uma fase de rearrumação dos quadros de poder político e de traçado de hegemonia que abre uma brecha nos esquemas de controle sobre as tensões dos seus espaços de mando, por onde reaforam velhas contendas e enfrentamentos bélicos. (MOREIRA, 2011, p. 98)

Contendas e enfrentamentos que se materializam dentro e fora do território nacional com as guerras de Canudos e do Contestado, além da Primeira Guerra Mundial - esta última sendo abordada no folheto “Ecos de pátria” de Barros. Uma das principais características de Leandro Gomes de Barros, corresponde ao posicionamento satírico aos acontecimentos que ocorriam no espaço geográfico da época, representando inclusive certa reação à República.

A produção satírica de Leandro Gomes de Barros caracterizou-se por uma forte reação à República e a tudo que ela representava naquele momento da história do país, mas, sobretudo, por ter tentado revelar ao público iletrado e despolitizado do Nordeste, as várias faces de uma realidade que lhe fugia à compreensão. (MARQUES, 2011, p. 323)

Os folhetos de cordel durante muito tempo foram o único texto que os sujeitos sertanejos tiveram acesso, e se conformava também em veículo de informação além, é claro, de entretenimento. “Era, portanto, através das lentes satíricas dos poetas populares que o sertanejo via e entendia aquele mundo prenhe de novidades e mudanças inusitadas.” (ibidem) O posicionamento político, a leitura dos arranjos socioespaciais, das contradições percebidas pelos autores, de certa forma atravessam suas obras, pois não há obra neutra. Autor e obra se fundem de forma que não é possível dissociar um do outro.

“Embora a poesia de Leandro não se configura como planfetária, ela apregoa, pelo viés da sátira, a morte de um regime nascente: a República. A leitura dos folhetos escritos pelo poeta nos revelará um Leandro monarquista, saudosista dos tempos do império.” (MARQUES, 2011, p. 327)



O folheto Ecos da Pátria, foi publicado no ano de 1917, momento no qual o fervilhar da Primeira Guerra Mundial tomava o país. O folheto relata especificamente o acontecimento histórico ocorrido no período da Primeira República durante o governo de Venceslau Brás, em que o navio “Paraná” – um dos maiores navios da frota mercante brasileira - carregado de toneladas de café foi torpedeado em abril de 1917 por um submarino alemão próximo ao Canal da Mancha, o que gerou o rompimento das relações comerciais do Brasil com a Alemanha – importante comprador de café da época.

O Brasil logo a princípio  
Declarou neutralidade  
Julgou também que a Alemanha  
Tivesse fidelidade  
E respeitasse o direito  
E a sua nacionalidade

Nós devíamos saber  
A Alemanha quem é  
Um aborto da desgraça  
em lei, sem forma, sem fé  
Tomou um barco dos nossos  
Carregado de café.

O Brasil dissimulou  
Deixou ficar tudo lá  
O comércio brasileiro  
Teve o prejuízo cá  
Depois um submarino  
Pois à pique o Paraná.

Onde morreram diversos  
De sua tripulação  
O governo brasileiro  
Não quis mais ter concessão  
Fechou seus portos a ela  
Cortou toda a relação.  
(BARROS, 1917, p. 4)

Posteriormente, em outubro do mesmo ano, o navio cargueiro “Macau” foi também atacado. Durante os três primeiros anos da 1ª Guerra Mundial, o Brasil declarou-se neutro, posição respaldada na convenção de Haia (1907) que tinha como principal objetivo não prejudicar o comércio internacional brasileiro, principalmente de café – produto de maior exportação na época. O fato histórico obrigou o país a sair da posição de neutralidade ao declarar guerra à Alemanha. Leandro Gomes de Barros, narra em sua obra o acontecimento histórico, permeando a poesia de um caráter nacionalista:

Agora ultimamente  
Soube o doutor Wenceslau  
Que na costa da Espanha  
Torpedearam o Macau  
Deu prova que o alemão  
É povo inconstante e mau.



E como está desgraçado  
Não se importa com alguém  
Vendo que um país tem vida  
Quer desgraçá-lo também  
Como ela não tem paz  
Odeia o país que tem.

Era 18 de Outubro  
Um telegrama alarmante  
Dizendo o vapor Macau  
Foi à pique nesse instante  
A Alemanha o pôs à pique  
E prendeu o comandante.  
(BARROS, 1917, p. 5)

Um ponto importante apresentado na poesia de Leandro corresponde à exaltação heroica e nacionalista à Saturnino Furtado de Mendonça, na época comandante do navio Macau. A tripulação foi obrigada a abandonar o navio, que seria bombardeado, o comandante Mendonça e o taifeiro Arlindo Dias dos Santos, foram capturados e nunca encontrados. Não se sabe na história como realmente Mendonça e Santos foram assassinados, no entanto, no imaginário do poeta o enredo tem um fim, demonstrando o jogo entre o imaginário real e ficcional que a poesia é capaz de realizar.

O comandante Mendonça  
Vendo-se ali agredido  
Disse ao alemão  
Você também está perdido  
Se hei de escapar por covarde  
Vou morrer por atrevido.

O comandante Mendonça  
Reconhecendo o perigo  
Disse ao corsário alemão  
O mar é nosso jazigo  
Felizmente já vão  
Quatro diabos comigo.

Ora o Mendonça sozinho  
Apenas com um criado  
Dentro de um submarino  
Por tantas feras cercado  
Não pode mais resistir.  
O mataram degolado.  
(BARROS, 1917, p. 9)



Temos no folheto intitulado “O imposto e a fome” (1909, p.4), outro exemplo de temática permeada pelo pensamento geográfico no qual Leandro Gomes de Barros narra fatos históricos segundo suas percepções e utilizando-se do humor e da sátira. Neste cordel, Barros personifica o imposto e a fome e narra um diálogo repleto de crítica à situação política e econômica do Brasil da época, denunciando os altos impostos praticados pelo governo da Primeira República – do qual era crítico ferrenho. Na obra são citados dois presidentes do período da Primeira República: Nilo Peçanha que governou entre 1909 e 1910 e Hermes da Fonseca, que assume a presidência nas eleições de 1910, estendendo seu governo até o ano de 1914. No folheto, Barros atribui aos governos da República Velha a responsabilidade pela situação de penúria social do país.

O imposto disse a fome:

- Colega, vamos andar,  
Vamos ver pobre gemer  
E o rico se queixar?  
A tarde está suculenta,  
O governo nos sustenta  
Nós podemos passear.

Disse a fome: - Eu estou tão triste  
Que nem sei o que lhe diga  
Este novo presidente,  
Votes, credo, eu dou-lhe figa,  
Esta Hermes da Fonseca  
Jurou acabar a seca  
Vai tudo encher a barriga

Disse o imposto – Colega,  
O governo é uma brasa  
O imposto onde chegar  
Até o fogo se arrasa,  
Não fica eixo com cunha,  
Não fica gato com unha,  
Não fica um pinto com asa.

Disse a fome – Ah! Meu colega,  
No governo do Peçanha,  
A desgraça vai à pique,  
Fatura conta façanha,  
Acaba-se até a seca...  
E quando entrar o Fonseca  
Já vê que a miséria apanha.

Justiça em ti não há mais  
Creio que morreu de desgosto,  
A lei ficou como um órfão  
Sem pai, sem mãe, sem encosto,  
O caráter foi embora  
Só conhecemos agora  
Política, fome e imposto.  
(BARROS, 1909, p. 1-2)



A partir da leitura do trecho, notamos que a narrativa poética é totalmente estruturada a partir de uma análise crítica feita pelo autor acerca da economia e da política da época. Fica claro, que a obra é atravessada por aspectos do real – no caso os fatos históricos narrados e a situação do espaço geográfico da época, além, é claro do imaginário do autor e de seu posicionamento ideológico. É interessante ressaltar, a capacidade crítica que poesias como estas podem motivar nos leitores que entram em contato com ela ainda hoje.

Cabe ressaltar, que a geografia se propõe a promover à leitura das temporalidades e das espacialidades, buscando também uma tomada de consciência crítica dos sujeitos retirando-os da alienação e permitindo que os mesmos se tornem leitores das contradições sociais que estão presentes no espaço geográfico e que permeiam suas próprias existências. Estar em contato com textos como esse, e realizar este movimento de associação entre Geografia e Literatura através de uma análise geoliterária, possibilita o aprimoramento da leitura do espaço geográfico da época estabelecendo inclusive um paralelo com os arranjos atuais.

Ao analisarmos as obras, estabelecemos uma relação entre o autor que escreve a poesia, o conteúdo presente no texto e o contexto de produção da obra (recorte histórico e geográfico), o que torna possível inferir que a leitura da poesia é capaz de promover no leitor a percepção das relações de poder e das tensões políticas e econômicas ocorridas naquele momento, desenvolvendo um olhar geográfico que viabiliza a percepção do arranjo socioespacial da época.

De acordo com Bakhtin (2002, p.30) “a obra é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso num mundo também vivo e significativo.” A obra de Leandro Gomes de Barros, elaborada por um sujeito sertanejo e migrante que vive e experiencia todas as contradições sociais, acontecimentos políticos e históricos de sua época, reflete estas características, e mesmo que seja lida atualmente, continua viva ainda sendo capaz de promover no leitor esses aprendizados.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas discussões, concluímos que embora literatura e Geografia desenvolvam caminhos de método e intencionalidades antagônicas, é possível associar seus diferentes “dizeres”. Quando identificamos a presença do geógrafo nos textos literários, que é condição de existência e maior do que a própria geografia como ciência, é possível estabelecer aproximações. Estas aproximações promovem uma leitura das espacialidades que traz riqueza de sensibilidade e que agregam ao entendimento dos fenômenos que a Geografia pretenda discutir.

Além disso, fomos capazes de estabelecer o desenvolvimento de uma análise dos folhetos de cordel que associou autor e obra e uma perspectiva que levou em consideração o recorte espacial e temporal do texto, a qual chamamos de análise geoliterária. Buscando entender quem é este autor que escreve, e como seu pensamento, suas experiências no espaço geográfico, suas aspirações, ideologias, percepções no âmbito social, político e econômico do espaço estão permeadas na obra que produz.

Leandro Gomes de Barros, apresenta em sua obra fatos históricos, políticos e econômicos, realizando uma leitura do espaço geográfico em que vive e produzindo uma narrativa que contém o real e o imaginário, atravessada pela sua forma de pensar o mundo da época e na forma pela qual entendia os arranjos socioespaciais de seu espaço, como um narrador que agrega sua experiência ao texto literário.

Nesta articulação entre história, geografia e literatura, fomos capazes de enriquecer e aprimorar a leitura das espacialidades da época, no caso, alguns acontecimentos ocorridos na Primeira República, o que nos demonstra que a associação da linguagem literária com a linguagem científica, é extremamente promissora trazendo significativos ganhos de compreensão à ciência geográfica.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leituras do Brasil, 1999.

AYALA, Maria Ignez Novaes. **Do manuscrito ao folheto de cordel: Uma literatura escrita para ser oralizada**. Revista Leia Escola. Campina Grande -PB. Vol. 16 n°2, 2016.

BARROS, L.G. de. **O imposto e a fome**. 1909. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RuiCordel&Pesq=LC6054&pagfis=974>

BARROS, L. G. de. **Ecos da pátria**. 1917. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=LC6073&pagfis=335>

BARTHES, Roland. **A aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. Obras escolhidas. Vol.1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2019.

LA BLACHE, Paul Vidal. **La Géographie de L'odyssée**. In: Annales de Géographie. Paris: Librairie Armand Colin, 1904.

LÉVY, Bertrand. **Géographie humaniste, géographie culturelle et littérature**. Position épistémologique et méthodologique. In: Géographie et cultures, 1997, vol. 21, p. 27-44.

MARINHO, Ana Cristina, PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, F.C.A. **O poeta popular Leandro Gomes de Barros e a sátira ao discurso burguês-militarista no contexto da Primeira República**. In: Miscelânea, Assis, vol. 9, jan./jun. p. 2011 230-241.

MARTINS, Élvio. **“O Pensamento Geográfico é a Geografia em Pensamento?”** In: Revista Geographia/UFF. Ano 18. Número 37, Niterói, 2016. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/626/623>

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: Trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010 MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

**GEOGRAFIA**

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil: Constituição e problemas de relação**. São Paulo: Contexto, 2011.

PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.

SLATER, Candace. **A vida no Barbante: A literatura de cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.